



## DA AMÉRICA PARA A EUROPA: UMA HISTÓRIA DECOLONIAL DA PRAÇA MAIOR A PARTIR DA CIDADE DO MÉXICO<sup>1</sup>

**ANA PAULA DOS SANTOS SALVAT**

Doutoranda no Programa Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (PGEHA-USP), o qual está vinculado e subordinado à unidade Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) - Av. Prof. Mello Moraes, travessa 8, nº 140 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - Tel.: 11 3091.3327 - [pgeha@usp.br](mailto:pgeha@usp.br) <https://orcid.org/0000-0003-1043-5975> - Connecting Research and Researchers  
[anasalvat@usp.br](mailto:anasalvat@usp.br)

Recebido: 21/10/2020

Aceito: 07/04/2021

### RESUMO

A historiografia eurocêntrica apresenta a Praça Maior como uma criação espanhola transferida para a América como centro de um modelo urbano de cidade colonial baseado na ortogonalidade e no ordenamento. Modelos urbanos com praças grandes e centralizadas são encontrados em diversas culturas em diferentes períodos históricos, mas raramente mencionam-se as experiências dos povos ameríndios no desenvolvimento de suas arquiteturas e de seus projetos urbanos, bem como suas permanências a partir da colonização. Em uma proposta de leitura urbana transcultural e transdisciplinar, apresenta-se a formação da Praça Maior da Cidade do México, tanto pela permanência dos elementos do centro de México-Tenochtitlan, os quais estão inseridos em uma longa tradição urbana mesoamericana, quanto pelas transformações castelhanas, constituídas por experiências ibéricas anteriores. Demonstra-se, assim, que o modelo da Praça Maior mexicana contribuiu com mudanças urbanas na Europa a partir da Praça Maior de Valladolid no século XVI.

Palavras-chave: Praça Maior. História da América. Urbanismo. Decolonialidade.

### ABSTRACT

Eurocentric historiography presents the Main Square as a Spanish creation transferred to America as the center of an urban model of the colonial city based on orthogonality and ordering. Urban models with large and centralized squares are found in diverse cultures in different historical periods. However, Amerindian peoples' experiences in developing their architecture and urban projects and their permanence from the colonial era are rarely mentioned. The formation of the Mexico City Main Square is presented from the permanence of both the elements of the center of Mexico-Tenochtitlan, inserted in a long Mesoamerican urban tradition, and Castilian transformations constituted of previous Iberian experiences in a proposal for transcultural and transdisciplinary urban reading. It demonstrates that the Mexican Main Square model contributed to urban changes in Europe from Valladolid Main Square in the 16th century.

Keywords: Main Square. History of America. Urbanism. Decoloniality.

<sup>1</sup> Pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



## INTRODUÇÃO

A historiografia sobre a América produziu, por séculos, uma narrativa que promoveu o silenciamento dos povos originários e o apagamento de seus conhecimentos, desconsiderando suas histórias, sua diversidade e minimizando seu impacto sobre outras culturas ocidentais.

No século XX, surgiram os levantes intelectuais do pensamento pós-colonial, dos estudos subalternos, dos estudos culturais, entre outros, dos quais emergiram iniciativas que desconstruíram discursos eurocêntricos e viabilizaram novos caminhos de pesquisa da história da América. Autores como Eduardo O’Gorman, Miguel León-Portilla e Serge Gruzinski, por exemplo, transformaram os estudos latino-americanos, apesar das recentes revisões críticas pelas quais suas obras têm passado, especialmente pela vertente historiográfica da História Indígena<sup>2</sup>.

Destacam-se, neste artigo, as contribuições dos estudos decoloniais como opção epistêmica na América Latina, à história universalista imposta pelas estratégias de silenciamento dos conhecimentos de povos subalternizados pelo sistema colonial. Os discursos utilizados para a manutenção dos poderes, violentamente instituídos na América, constituíram narrativas oficiais que encobriram a realidade (RIVERA CUSICANQUI, 2010).

Tal situação é resultado da colonialidade conforme definida por Aníbal Quijano (2007), ou seja, um sistema de exploração e subalternização da América baseado na criação de identidades pela categorização racial (colonialidade de poder)<sup>3</sup>, construindo uma história universal centralizada no protagonismo europeu (DUSSEL, 2005). Dessa maneira, os indígenas foram sentenciados à condição de vencidos e suas identida-

des e culturas originais entendidas como descontinuidades pelo contato com a cultura europeia, considerada dominante no processo de mestiçagem.

Dentro dessa perspectiva, apresenta-se a formação da Praça Maior da Cidade do México com base na preservação de elementos de sua antecessora, México-Tenochtitlan, e da inserção de elementos espanhóis oriundos das práticas urbanas na Península Ibérica.

Os argumentos são construídos sobre uma pesquisa documental a respeito da formação das praças do México e de Valladolid. A partir da abordagem transdisciplinar e transcultural, demonstra-se a origem americana da Praça Maior e a posterior transferência desse modelo urbano e sua imagem monumental de poder para a Europa, via Espanha. A transdisciplinaridade é entendida segundo a constatação de Nelson Maldonado-Torres (2016) de que é preciso, por meio da consciência decolonial, interromper as rígidas bases ontológicas coloniais de segregação e constituir aproximações entre as diferentes áreas e a produção de conhecimento. A atitude decolonial, segundo Walter Dignolo (2008), propõe a desconstrução da hierarquia de saberes, abrindo espaço, dessa forma, para o resgate dos conhecimentos ameríndios. A transculturalidade, conceito criado por Fernando Ortiz (1978) na década de 1940, é abordada pela reelaboração feita por Angel Rama (2008), ou seja, como uma experiência criativa, dinâmica e original, sem negar, no entanto, os conflitos ocasionados por esses contatos culturais.

A Praça Maior da Cidade do México revela uma longa trajetória urbanística e cultural ameríndia, frequentemente apagada da historiografia tradicional, em contato com as prévias experiências peninsulares, revelando, como aponta Setha Low (1995), as tensões culturais de conquista e resistência.

<sup>2</sup> Cf. NAVARRETE LINARES, 2016; Cf. SANTOS, 2014; Cf. SANTOS, 2005.

<sup>3</sup> Outros autores trabalham com derivações do termo, como a colonialidade do saber e do ser (LANDER, 2005).

## AS RAÍZES MESOAMERICANAS

México-Tenochtitlan, parte da atual Cidade do México, foi fundada por volta de 1325 em uma ilha do lago de Texcoco pelo povo mexica. O projeto dessa cidade, ou *altepetl*<sup>4</sup>, seguiu preceitos cosmológicos comuns aos povos da Mesoamérica<sup>5</sup>, concebendo o espaço nas dimensões vertical (céu, Terra e inframundo) e horizontal (centro e quatro rumos da Terra) atrelado ao conceito de tempo. O desenho das cidades e a disposição das construções eram orientados por essas concepções e as demarcações espaciais eram utilizadas para a marcação dos calendários (SANTOS, 2009). No Período Pré-Clássico (2500 a.C.-200 d.C.), configurou-se o que Michael Smith chamou de “princípios de planejamento mesoamericano”:

*Isso inclui tipos de edificações (templos piramidais, palácios reais, e campos de bold<sup>6</sup>), espaços abertos formais (praças) e uma dicotomia espacial entre a área central (o epicentro), cuja maior parte da arquitetura cívica é organizada com uma configuração planejada, e as zonas residenciais ao seu redor, que apresentam pouco ou nenhum planejamento em sua configuração<sup>7</sup> (SMITH, 2017, p. 177, tradução nossa).*

Os povos mesoamericanos configuraram uma tradição urbanística que criou uma hierarquia espacial baseada em sua hierarquia social, enobrecendo a área central a partir de sua grande praça de múltiplas funções (políticas, sociais, religiosas e comerciais) e dos edifícios de poder que a contornavam.

O principal edifício de México-Tenochtitlan, o Templo Maior, representava o *axis mundi*, o local onde todas as dimensões espaciais, horizontais e verticais se

encontravam. Segundo Eduardo Matos Moctezuma (2015), é provável que em seu período inicial o Templo Maior contasse com uma praça e um mercado em seus arredores. Com o crescimento da cidade, o grande recinto sagrado, que abrigava dezenas de edifícios, demarcou uma área de cerca de 400 metros de lado, de onde saíam quatro vias (Tepeyacac, Iztapalapa, Tlacopan e caminho para o porto de Texcoco) que dividiam a cidade em quatro partes: Moyotlan, Teopan ou Zoquiapan, Atzacolco e Cuepopan. Ao sul do recinto, conforme o mapa orientado para oeste atribuído a Hernán Cortés (Figura 1), havia uma grande praça entre os palácios dos governantes mexicas, identificada como “Platea”<sup>8</sup>. Nota-se, nesse local, algumas construções que podem ter sido de uso comercial, devido à sua localização próxima ao Canal Real por onde circulavam embarcações com mercadorias (Figura 2).

## UM NOVO EPICENTRO

Após a queda das cidades de México-Tenochtitlan e México-Tlatelolco<sup>9</sup> pela ação de centenas de castelhanos e milhares de indígenas aliados, Cortés encarregou Alonso García Bravo de executar o projeto da cidade espanhola no centro da antiga Tenochtitlan, que teve um traçado de aproximadamente 1100 por 910 metros (MIER TERÁN Y ROCHA, 2005). García Bravo havia participado da construção da Cidade do Panamá em 1519 com Pedrarias Dávila (ou Pedro Arias de Ávila), a quem haviam sido enviadas as ordenanças reais que determinavam divisões de lotes, construções de ruas, da praça central, de prédios administrativos e da igreja, sendo que as residências próximas à praça seriam reservadas aos mais nobres cidadãos espanhóis (KINSBRUNER, 2005).

<sup>4</sup> Termo nahuatl que designa, originalmente, uma unidade político-administrativa autônoma formada por subdivisões semi-independentes baseadas em parentesco, territorialidade, propriedade comum, divisão de trabalho e estratificação social (LOCKHART, 1992).

<sup>5</sup> O conceito de Mesoamérica foi criado por Paul Kirchhoff (1960) em 1943, baseado em uma série de características comuns dos povos ali encontrados que determinaram uma macrorregião cultural. Tal conceito tem passado por revisões, mas foi um importante ponto de partida para o estudo da região.

<sup>6</sup> Local para a prática do Jogo de Pelota, uma atividade ritual.

<sup>7</sup> Texto original: These include types of building (temple-pyramids, royal palaces, and ballcourts), formal open spaces (plazas), and a spatial dichotomy between a central area (the epicenter) that contains most of the civic architecture arranged with a planned configuration, and surrounding residential zones that exhibit little or no planning in their arrangement.

<sup>8</sup> Palavra em latim derivada do grego e da qual se origina plaza ou praça. Na imagem, ela aparece na lateral esquerda central.

<sup>9</sup> Fundada em 1337, a partir de uma divisão de México-Tenochtitlan, mas incorporada a essa em 1473.

Figura 1: Hernán Cortés (atribuído). Mapa de Tenochtitlan (detalhe), 1524. Cortesia da Biblioteca Newberry, Chicago, Estados Unidos (Ayer 655.51.C8 1524b).

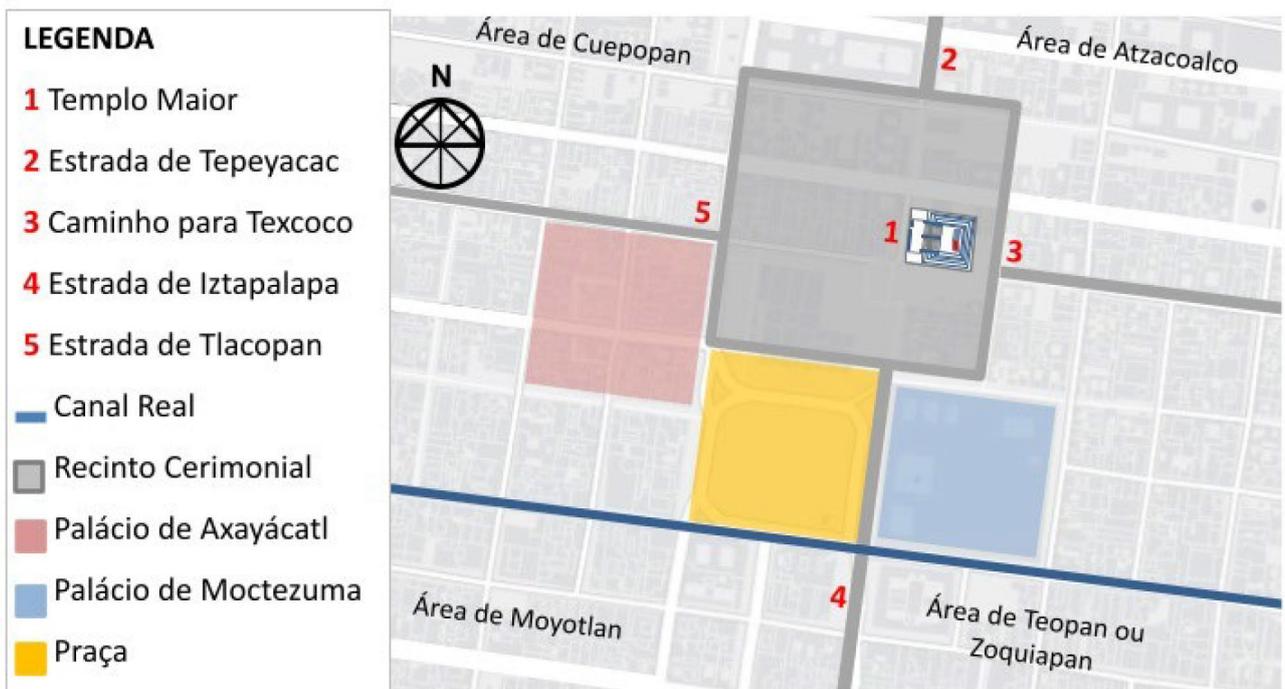
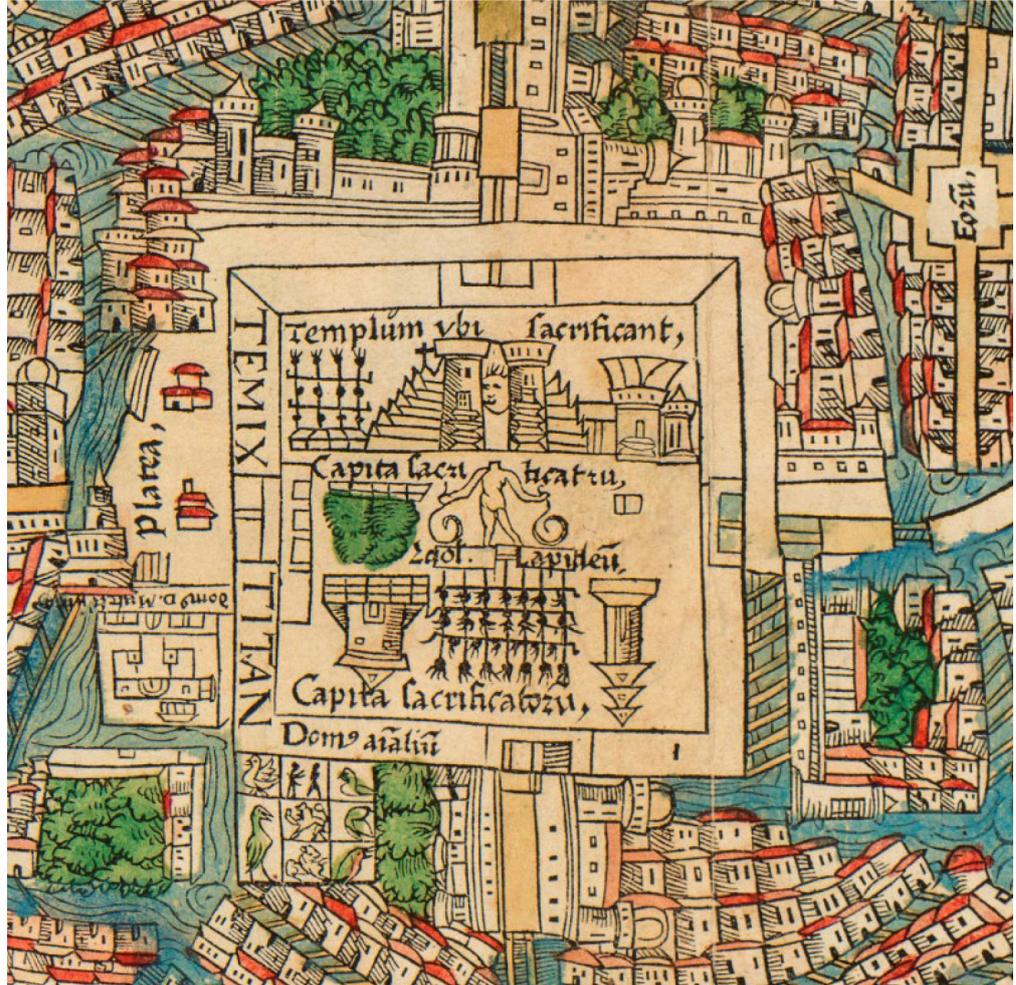


Figura 2: Disposição da área central de México-Tenochtitlan. Esquema gráfico da autora sobre mapa atual da Cidade do México da “Agência Digital de Inovação Pública - Sistema Aberto de Informação Geográfica da Cidade do México (SIGCDMX)”.



Figura 3: Alonso de Santa Cruz (atribuído). Mapa da Cidade do México (detalhe), c. 1550. Pergamino, 75 x 114 cm. Cortesia da Biblioteca da Universidade de Uppsala, Suécia.

Em um ato simbólico de sobreposição ideológica, o recinto cerimonial foi destruído, mas as pedras dos templos foram utilizadas nos novos edifícios. Foram mantidas as grandes vias, a estrutura ortogonal, a localização dos edifícios de poder e a grande praça, que se tornou o palco político da cidade colonial<sup>10</sup>. Em 1524, foram registradas as primeiras atas da administração municipal<sup>11</sup>, que se instalou no antigo Palácio de Axayacatl, edifício que também se tornou residência de Cortés e sede do Vice-Reino da Nova Espanha, a partir de 1535. Em 1532, a Prefeitura mudou-se para o sul da praça, onde também se instalaram a Casa de Fundação e o cárcere. Em 1562, o vice-rei passou a ocupar o edifício no lado leste, sobre o antigo Palácio de Moctezuma, atual Palácio Nacional. A Igreja Maior,

ao norte, foi construída entre 1525 e 1532 em caráter provisório e declarada Catedral por bula papal em 1547, e em 1573 iniciou-se a construção do atual edifício que só seria concluído em 1813 (TOUSSAINT, 1973; LEÓN CAÑIZARES, 1982). O detalhe do mapa da cidade, de 1550 (Figura 3), orientado para oeste, apresenta uma vista geral da área, com destaque para a Igreja Maior.

Em abril de 1524, as propriedades ao redor da praça receberam uma extensão de terreno exclusivamente para que se construíssem portais (CIUDAD DE MÉXICO, 1889) com a finalidade de criar uma uniformidade visual, o que remete a uma preocupação com a estética urbana.

<sup>10</sup> A denominação “Cidade do México” somente ocorreu a partir da década de 1530 e, mesmo depois, constam documentos com nomeações como Temestitán, Tenxutilan México, México Tenochtitlan (MUNDY, 2015).

<sup>11</sup> Entre 1521 e 1524, Hernán Cortés instalou residência e conselho administrativo em Coyoacán, mas não existem atas municipais preservadas desse período.

Figura 4: Conselho das Índias. Planta da Praça Maior do México, edifícios e ruas adjacentes e o Canal Real, c.1562, desenho à pena sobre papel, 46 x 65,5 cm. Ministério da Cultura e Esporte. Arquivo Geral das Índias, Sevilha, Espanha (AGI, MP-MEXICO, 3).

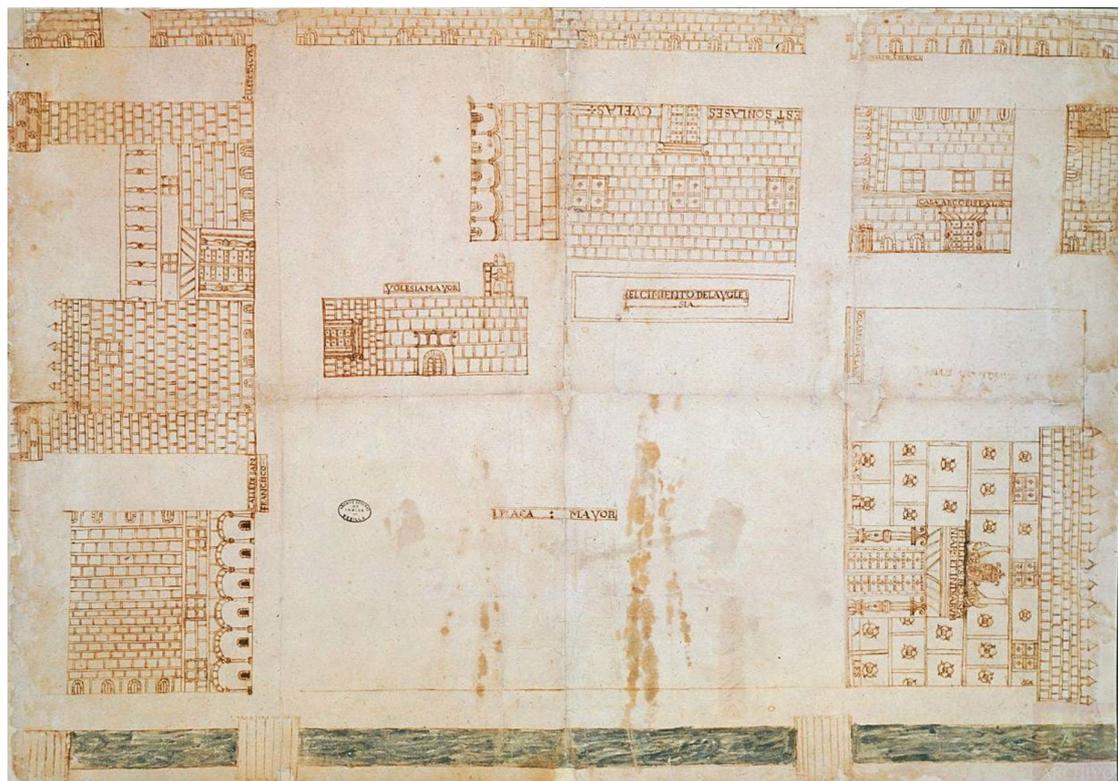
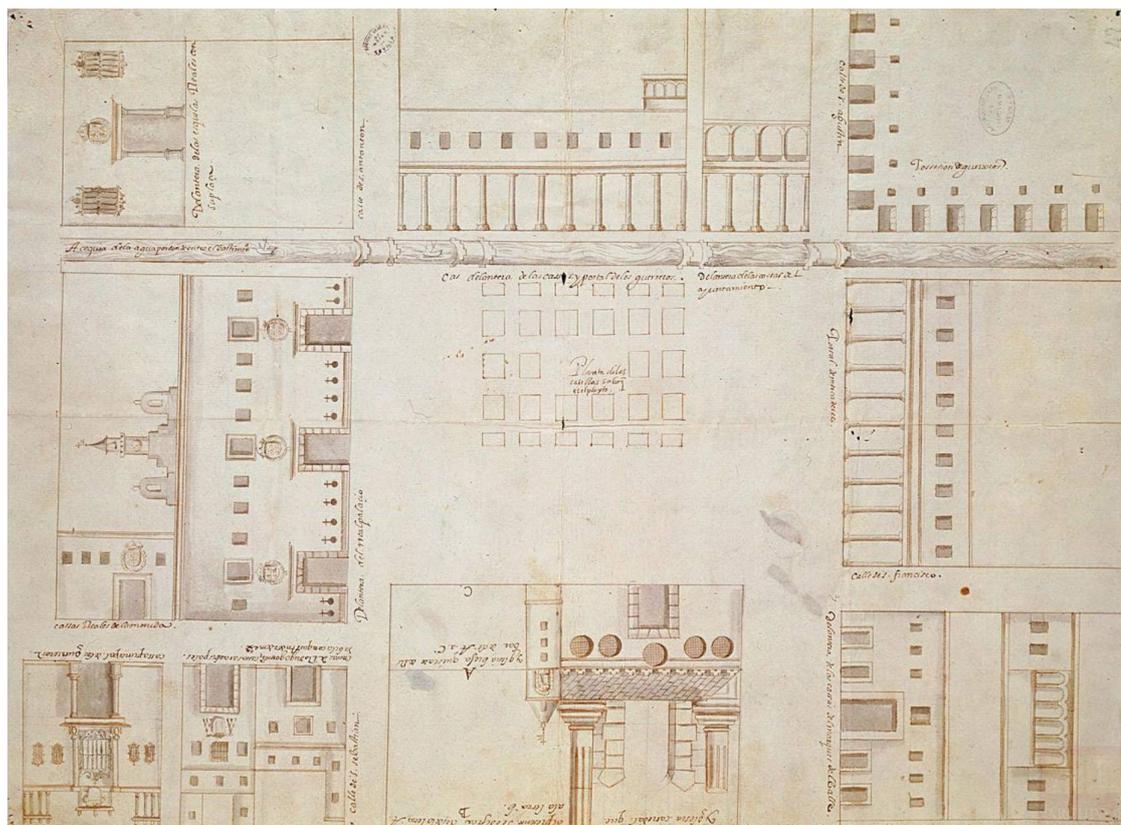


Figura 5: Conselho das Índias. Planta da Praça Maior da Cidade do México, edifícios e ruas adjacentes, c.1596, desenho à pena sobre papel, 42 x 56 cm. Ministério da Cultura e Esporte. Arquivo Geral das Índias, Sevilha, Espanha (AGI, MP-MEXICO, 47).



As atividades mercantis estenderam-se por praticamente toda a praça: a sudoeste, no Portal dos Mercadores (sobre o qual estava o edifício de Rodrigo de Albornoz); a sudeste, no Portal das Flores (sobre o qual estava o edifício de residência de Marina Flores Gutierrez de la Caballería e do tesoureiro Alonso de Estrada); os comerciantes espanhóis na área oeste da praça, iniciando o Mercado Parián<sup>12</sup> e levando o mercado indígena que lá havia para a Praça do Volador<sup>13</sup> (LEÓN CAZARES, 1982; RUBIAL GARCÍA, 2012), em uma tentativa de excluir o comércio ameríndio do palco principal da cidade.

Na Ata do dia 14 de abril de 1527, a prefeitura passou a denominar a grande praça como “*praça maior desta cidade*”<sup>14</sup> (CIUDAD DE MÉXICO, 1889, p. 129, tradução nossa). Duas plantas da Praça Maior, uma de cerca de 1562 (Figura 4) e outra de cerca de 1596 (Figura 5), demonstram uma substancial alteração na arquitetura ao seu redor: na primeira, orientada para o norte, um aspecto de fortaleza medieval; na segunda, orientada para o sul, um estilo renascentista, onde percebe-se sua ocupação completa, incluindo a Universidade, que primeiramente esteve no canto noroeste.

Além do uso para celebrações religiosas, corridas de touros, festas, anúncios oficiais, desfiles protocolares, celebrações reais, mercado local e de importados e teatros, ocorriam também na praça execuções de sentenças no rolo e na forca, instalados ao lado da fonte de abastecimento de água (ALAMÁN, 1969; RUBIAL GARCÍA, 2012), demarcando, assim, o espaço como local de comunicação da nova ordem e de sua justiça, em uma tentativa de impor um modo de vida espanhol.

A imagem da Praça Maior da Cidade do México era registrada por visitantes e moradores, como Francis-

co Cervantes de Salazar que, em “México en 1554”, exaltou sua extensão, planificação, a variedade de produtos estrangeiros vendidos no mercado, bem como a arquitetura dos edifícios ao seu redor, como exemplifica o diálogo entre Zuazo e Alfaro em sua obra, embora não houvesse menção às permanências indígenas naquele lugar:

*Zuazo: Estamos já na praça. Avalie bem se já viu outra que se iguale em grandeza e majestade.*

*Alfaro: Certamente que não me lembro de nenhuma, nem creio que em ambos os mundos possa haver igual. Meu Deus! Quão plana e extensa! Que alegre! Como é adornada pelos altos e soberbos edifícios aos quatro ventos! Que regularidade! Que beleza! Que distribuição e ordem! Verdadeiramente, se fossem removidos aqueles portais da frente caberia nela um exército inteiro<sup>15</sup>. (CERVANTES DE SALAZAR, 2001, p. 26, tradução nossa).*

Se, em México-Tenochtitlan, o epicentro era o recinto sagrado, a praça monumental ameríndia pré-existente tornou-se o ponto principal da nova cidade (Figura 6) com a permanência do mercado indígena em seu centro, espaço que depois foi ocupado pelos espanhóis, e o estabelecimento das instituições de poder espanholas. A dimensão da praça, atualmente denominada Praça da Constituição ou, popularmente, Zócalo, considerando as vias que a margeiam, é de aproximadamente 180 × 220 metros, o que basicamente corresponde à área da praça mexicana, uma vez que a margem sul do recinto cerimonial estava um pouco à frente da Catedral. Alberto Nicolini (1997) atribuiu uma dimensão ainda maior à praça dos tempos de Cortés (240 x 350 metros), considerando a área da Igreja Maior, da Praça do Marquês e da Praça Menor.

<sup>12</sup> O nome “Parián” deriva do mercado de Manila, de onde vinham muitos artigos e comerciantes filipinos. Primeiramente, foi construída uma sede de madeira e em 1703 foi inaugurada sua sede definitiva que seria demolida apenas em 1843.

<sup>13</sup> Volador é o nome de uma performance ritual praticada pelos mexicas sobre um mastro instalado em um espaço aberto.

<sup>14</sup> Texto original: plaza mayor de esta Cibdad (sic).

<sup>15</sup> Texto original: Zuzo: Estamos ya en la plaza. Examina bien si has visto otra que le iguale en grandeza y majestad. Alfaro: Ciertamente que no recuerdo ninguna, ni creo que en ambos mundos pueda encontrarse igual. ¡Dios mío!, ¡cuán plana y extensa!, ¡qué alegre!, ¡qué adornada de altos y soberbios edificios, por todos cuatro vientos!, ¡qué regularidad!, ¡qué belleza!, ¡qué disposición y asiento! En verdad que si se quitasen de en medio aquellos portales de enfrente, podría caber en ella un ejército entero.

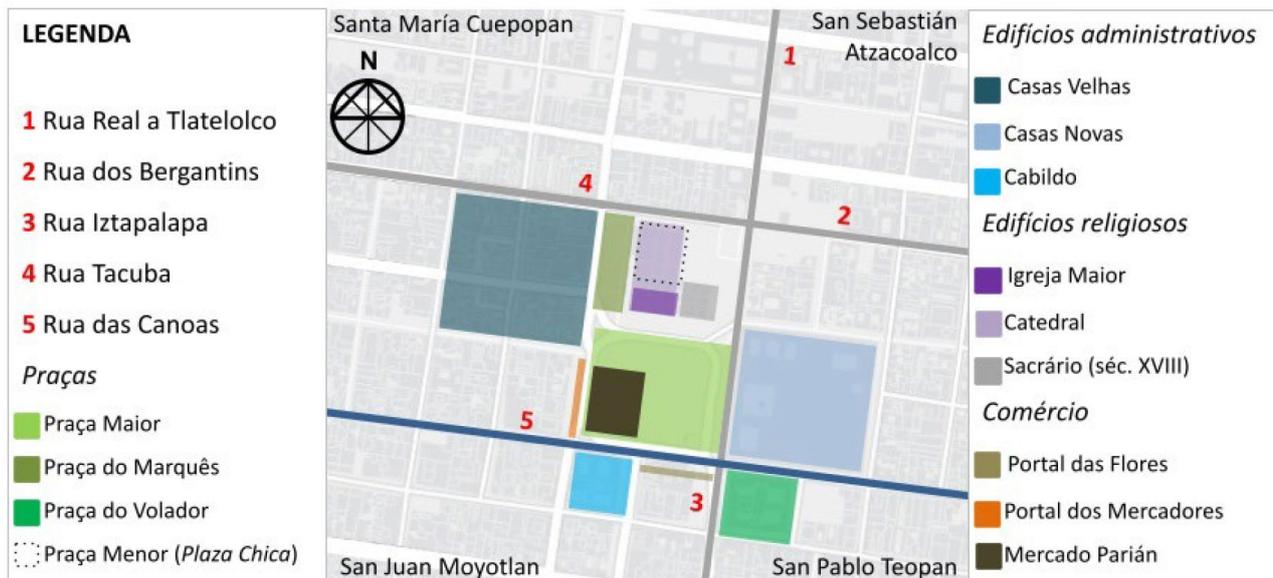


Figura 6: Disposição da área central da Cidade do México no primeiro período colonial. Esquema gráfico da autora sobre mapa atual da Cidade do México da “Agência Digital de Inovação Pública - Sistema Aberto de Informação Geográfica da Cidade do México (SIGCDMX)”.

A Praça Maior da Cidade do México conformou-se como um espaço monumental rodeado por palácios, portais e uma catedral, e um espaço ativo em todas as esferas públicas que comunica as regras sociais dos poderes ali instalados. Apesar de a área central ter sido destinada aos espanhóis, os corpos indígenas circulavam nos mercados, nas construções, nos trabalhos de limpeza dos canais e, até mesmo, como proprietários de terra nos arredores do centro<sup>16</sup> (CIUDAD DE MÉXICO, 1889). A desconsideração dos aspectos ameríndios nas descrições textuais e iconográficas do centro da Cidade do México indicam a produção eurocêntrica de saberes, promovendo o “ocultamento de uma identidade cultural preexistente” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 81) e produzindo uma alteridade que continuamente sofre violências, inclusive epistêmica.

Modelos urbanos com praça central não eram novidade para os ibéricos, como será constatado abaixo, mas também existiam na Mesoamérica como parte integrante de centros de poder monumentais.

## ANTECEDENTES IBÉRICOS

À medida que os territórios da Península Ibérica eram retomados dos árabes muçulmanos pelos cristãos, surgiam novas cidades, algumas de traçado ortogonal, construídas ao longo do Caminho de Santiago de Compostela (SÁNCHEZ DE CARMONA, 2013), como Sanguesa (1104), Puente La Reina (1134) e Bribeñsa (1208). Pode-se citar, também, as cidades aragonesas do século XIII, tais como Mosqueruela, de 1262 e Villareal, de 1272, fundadas “para repovoar o território a partir de uma praça maior, onde as ruas principais se cruzavam ortogonalmente, alongadas pelos pequenos proprietários de terras, que estruturavam o espaço circundante, tanto em suas estradas como em seus terrenos”<sup>17</sup> (BIELZA DE ORY, 2002, [s.p.], tradução nossa). No caso da Espanha, é preciso destacar o conjunto de normas intitulado “Siete Partidas”, de Alfonso X, “o sábio”, que reúne recompilações de leis do século XIII e tornou-se guia para as cidades formadas a partir do modelo de acampamento militar com definições sobre suas muralhas e sobre a presença

<sup>16</sup> Na ata municipal de 28 de abril de 1525, ao ser outorgado um terreno a Pedro Solís, menciona-se como um de seus limites a porta de Juan Belasquez índio (ou “al índio Juan Belasquez”, como colocou MIER Y TERÁN ROCHA, p. 169), embora a outorga de seu terreno não tenha sido referida nas atas anteriores.

<sup>17</sup> Texto original: para repoblar el territorio a partir de una plaza mayor, en la que se cruzaban ortogonalmente las calles principales, que alargadas por los “quiñoneros” estructuraban el espacio rural circundante, tanto en sus caminos como en su parcelario.

de um mercado em uma praça com pórticos (PAGE, 2008). É importante acrescentar que, conforme coloca Manuel Sánchez de Carmona (1989), nos modelos urbanos da Alta Idade Média, havia distintas praças para a Igreja, para o mercado (intramuros ou extramuros) e para o castelo, sendo que na praça do mercado ficava a sede administrativa municipal, mas não a igreja. No final do processo de Reconquista, Santa Fé tornou-se cidade também no padrão ortogonal, configuração adquirida anteriormente como acampamento militar.

Esse histórico informa que a prática urbanística ibérica, na conformação de um espaço com uma praça principal que orientasse a ordenação da cidade, é anterior às teorias renascentistas, assim como ocorreu nas primeiras cidades hispano-americanas. Considerando também as antigas ocupações romana, muçulmana e dos reinos cristãos, entende-se que esses povos contribuíram culturalmente para forjar, material e socialmente, os espaços de poder do que viria a ser a Espanha.

## A PRAÇA DE VALLADOLID

Valladolid foi fundada no século XI<sup>18</sup> e teve expressivo destaque político e jurídico, sendo residência real, sede de reuniões da Corte e de redação de leis. Desde o século XIII, desenvolveu-se intensa atividade comercial em uma praça que foi ganhando importância com a formação de um bairro de mercadores. No século XV, a Corte decidiu transferir a sede do conselho municipal da Praça Santa Maria (atual Praça da Universidade) para a então Praça do Mercado<sup>19</sup>, atribuindo também funções políticas àquele espaço de traçado irregular que se tornou o centro político da cidade.

Os portais nas fachadas de alguns edifícios derivam da utilização das vigas horizontais das construções para apoiar os andares superiores que avançavam à rua conformando um espaço coberto no térreo suportado

por colunas, geralmente utilizado para comércio (REBOLLO MATIAS, 1989).

Em 21 de setembro de 1561, um incêndio de grandes proporções atingiu parte da cidade, incluindo a Praça do Mercado. O projeto de reconstrução foi realizado por Francisco de Salamanca, que o finalizou em 1562 após correções solicitadas por Felipe II. A obra seguiu pelas décadas seguintes, ficando a cargo de Salamanca até 1576, continuada por seu filho Juan de Salamanca, de 1577 a 1585, e finalizada por Juan Herrera em 1592.

A reforma ampliou a praça deixando-a com 85,5 x 128 metros tomados pelo centro, sendo um quadrilátero cujas dimensões variavam de 85,5 a 89 metros e de 125,4 a 129 metros (REBOLLO MATIAS, 1989). As edificações ao seu redor foram uniformizadas, assim como os portais, enquanto as ruas próximas foram ampliadas e, na medida do possível, convergidas para a praça (Figura 7). Um novo edifício para o conselho municipal foi construído do lado oposto ao Mosteiro de São Francisco (demolido no século XIX), enquanto a Catedral de Nossa Senhora da Assunção de Valladolid, principal edifício religioso da cidade, projetada por Herrera e inaugurada em 1585, foi erguida a 400 metros da Praça Maior.

Ao projeto de Valladolid são creditados os ideais do Renascimento em relação à geometria, ordem, proporção, simetria e uniformidade, os quais, na segunda metade do século XVI, já haviam encontrado ecos também na Península Ibérica. Na Espanha, Diego de Sagredo escreveu o primeiro tratado local em 1526, intitulado “Las medidas del romano”, abrangendo questões referentes à arquitetura e à cidade (ROJAS MIX, 2002), de modo que, em 1561, discussões sobre as teorias renascentistas já eram recorrentes. É importante observar a discussão sobre a formação da praça central de geometria regular vinculada, de certa forma, à questão da cidade ortogonal. A esse respeito, Miguel

<sup>18</sup> Um primitivo núcleo é mencionado em 1062 e o Conselho já estava formado em 1095, quando o Conde Pedro Ansúrez inicia o desenvolvimento do povoado (FERNÁNDEZ DEL HOYO, 2013).

<sup>19</sup> O conselho municipal se reunia no Convento de São Francisco, construído no século XIII nos limites da Praça do Mercado, e pode ter ocupado também um outro edifício na mesma praça antes do incêndio de 1561 (FERNÁNDEZ DEL HOYO, 2013).



Figura 7: Bentura Seco. Valladolid (detalhe), 1738, tinta sobre papel, 110 x 80 cm. Cortesia do Arquivo Municipal de Valladolid (sig. 20.01 – PL 90).

Rojas-Mix (2002) e Lucía Mier y Terán Rocha (2005) levantam as diferentes teorias sobre o traçado reticular urbano na América, incluindo a influência das teorias clássicas renascentistas, as quais são refutadas, justamente pela longa tradição anterior do uso de praça central e de esquemas ortogonais na própria Península Ibérica<sup>20</sup>. De maneira prática, as influências vitruvianas não são encontradas tão explicitamente nas instruções reais até 1573, quando as *Ordenanzas de descubrimientos, nueva población y pacificación de las Indias*, de Felipe II, recorreram diretamente a Vitruvius, como demonstra detalhadamente Jay Kinsbruner (2005), com normas

específicas para as praças. Admite-se, portanto, um diálogo de certas características da praça de Valladolid com o Renascimento, mas não a totalidade de sua criação. Primeiramente, porque cidades com praça central já vinham sendo desenvolvidas na Península Ibérica desde a Idade Média, depois, porque a praça mexicana já estava formada e difundida, antes mesmo do Renascimento cruzar o Atlântico. Na Cidade do México, a influência renascentista será notada, principalmente, na mudança da arquitetura ao redor da praça no final do século XVI, como pode ser observado na comparação entre as Figuras 4 e 5.

<sup>20</sup> As outras teorias abordadas pelos autores citados, além da influência do Renascimento, são: urbanização espontânea, permanência da urbanização indígena e continuidade do urbanismo peninsular e europeu. Mier y Terán Rocha ainda acrescenta a teoria da conjunção da permanência indígena com a continuidade do urbanismo ibérico, a qual defendemos neste artigo.

Tabela 1: Características das praças principais da Mesoamérica, México-Tenochtitlan, Cidade do México e Cidade de Valladolid. Elaborada pela autora.

Características da Praça Principal	Tradição Mesoamericana (desde 200 d.C.)	México-Tenochtitlan (até 1521)	Cidade do México (projeto de 1522)	Valladolid (projeto de 1561)
Espaço monumental				
Epicentro da cidade				
Área comercial		(*)		
Centro religioso				simbólico
Centro político		(**)		
Cerimônias diversas		(***)		
Arquitetura monumental				
Uniformidade das edificações			parcialmente	
Portais ao redor da Praça			parcialmente	

(\*) Sua localização aponta para a hipótese de ter sido um centro comercial para abastecer as elites.

(\*\*) A praça estava ladeada por edifícios de poder: residências de governantes e o próprio recinto sagrado, tornando-se parte do complexo.

(\*\*\*) Não há registros de cerimônias acontecidas no local, mas suas dimensões monumentais e a localização estratégica permitem essa possibilidade.

A comparação entre as praças centrais da tradição mesoamericana, de México-Tenochtitlan, da Cidade do México e de Valladolid (Tabela 1), informa que:

- os elementos da tradição mesoamericana se mantiveram na Cidade do México, embora alguns deles tivessem desaparecido em México-Tenochtitlan;
- na Cidade do México são incorporados alguns elementos caros às praças ibéricas, ainda que parcialmente: os portais (exceto na Catedral e no Palácio do Vice-Rei) e a uniformidade das edificações (ao sul e a oeste da praça, conforme Figura 5);
- o grande diferencial mesoamericano é a monumentalidade do centro de poder, incluindo a praça e as arquiteturas ao seu redor;

- a praça principal tem vocação comercial e cerimonial em todas as tradições;
- em Valladolid, o poder religioso aparece de forma simbólica nas cerimônias, uma vez que a principal igreja está distante da praça.

Em Madri, que se tornou capital real em 1561, a Praça Maior foi construída no espaço de uma antiga praça de mercado medieval de traçado irregular. Iniciada na década de 1560, só foi terminada em 1622, apesar de inaugurada em 1620, embora a cidade tenha comemorado seus 400 anos em 2017, celebrando o projeto final de Juan Gómez de Mora. A praça de Madri (Figura 8) atingiu 94 x 129 metros (DEL RÍO LÓPEZ, 2016) e sua configuração totalmente fechada pela arquitetura

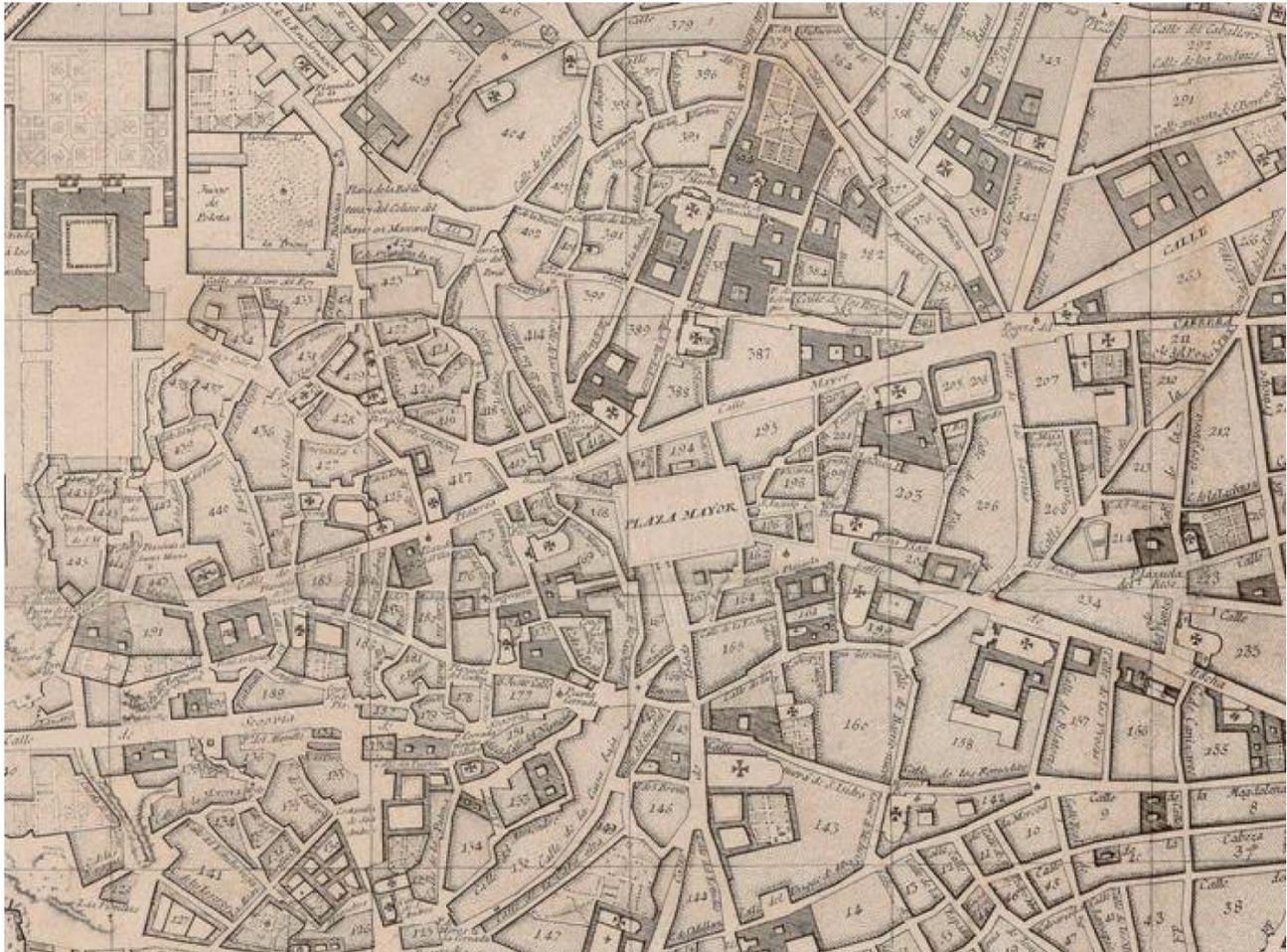


Figura 8: Tomás López de Vargas Machuca. Planta geométrica de Madri dedicada e apresentada ao rei nosso senhor D. Carlos III pelas mãos do excelentíssimo senhor Conde de Floridablanca (detalhe), 1785, tinta sobre papel, 68 x 98 cm. Cortesia da Biblioteca Nacional da França, Departamento de Mapas e Plantas (GE C-9301).

a tornou um grande pátio da cidade, o palco da Corte para atividades oficiais, civis, comerciais e religiosas, embora não contivesse em seu perímetro nenhum edifício real ou religioso<sup>21</sup>. Ela é apontada como produto direto das experiências em Valladolid, apesar de ambas terem como antecessora a Praça Maior da Cidade do México.

Percebe-se, portanto, a criação transcultural original da praça mexicana como um espaço fundamental na organização urbana moderna. Tal constatação ocorre quando são acionadas as experiências urbanas dos po-

vos originários, ocultadas pela colonialidade de poder que impôs o discurso universalista e civilizatório eurocêntrico. A atitude decolonial na dimensão do ver propõe, conforme aponta o historiador da arte mexicano Joaquín Barriendos (2019, p. 42), “*um diálogo visual interepistêmico entre os regimes visuais canonizados pela modernidade eurocêntrica e as outras culturas visuais que foram racializadas e hierarquizadas pelo projeto da modernidade/colonialidade*”. Torna-se necessário, assim, inserir a epistemologia ameríndia nos estudos sobre os espaços de poder criados na América e considerar sua repercussão transatlântica.

<sup>21</sup> A respeito da Praça Maior de Madri, ver SALVAT, 2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Praças são elementos urbanos de diversas culturas ao longo do tempo (BENEVOLO, 2015), inclusive dos povos mesoamericanos, os quais estabeleceram uma tradição construtiva de espaços e edificações monumentais para servir uma sociedade hierárquica e teocrática. México-Tenochtitlan, uma das maiores cidades do mundo no século XVI, era singular para os castelhanos e sua reformulação, após 1521, iniciou um processo simbólico de sobreposição de poderes.

A Praça Maior concentrava todas as disputas identitárias do processo de colonização e de colonialidade na Cidade do México. Os ideais renascentistas urbanos de grandeza e ordem espacial, que refletiam a ordem social, já estavam lá presentes de antemão e eram informados à Corte pelos materiais textuais e iconográficos, produzindo a imagem desse centro de poder monumental inexistente na Europa. Valladolid teve estreita relação com as colônias hispano-americanas, pois foi sede da Controvérsia de Valladolid (1550-1551), debate convocado por Carlos V para discutir a política colonial e a questão indígena, tendo como protagonistas Juan Ginés de Sepúlveda e Bartolomé de Las Casas.

Em Valladolid e em Madri buscou-se a grandeza da praça como imagem de modernidade, como já existia na Cidade do México, mas sua estrutura medieval sinuosa impediu uma extensão desse projeto. Em ambos os lados do Atlântico, porém, a praça principal era palco de performances de ritos sociais, políticos e religiosos que afirmavam ordem e poder.

A análise transdisciplinar e transcultural na formação da Praça Maior baseia-se no pensamento crítico a respeito das narrativas tradicionais e valoriza as culturas menosprezadas pelo projeto de colonialidade. A ação decolonial passa pela decolonização cultural, conforme aponta o conceito de transmodernidade de Enrique Dussel (2015), que propõe o diálogo crítico intercultural transversal como instrumento de liberdade, buscando a desconstrução das universalidades excluídas em favor de pluridiversidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAMÁN, Lucas. *Disertaciones sobre la historia de la República Mexicana*. Tomo II. 2. ed. México: Jus, 1969. 365p.
- BARRIENDOS, Joaquín. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual epistêmico. *Epistemologias do Sul*: [...]. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, v. 3, n. 1, p. 41-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2434>. Acesso em: 10 out. 2020.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. Trad. Silvia Mazza. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. 728p.
- BIELZA DE ORY, Vicente. De la ciudad ortogonal aragonesa a la ciudad cuadrangular hispanoamericana como proceso de innovación-difusión, condicionado por la utopía. *Scripta*. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. VI, n. 106, [n.p.], ene. 2002. Disponível em: [www.ub.es/geocrit/sn/sn-106.htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-106.htm). Acesso em: 14 out. 2020.
- CARMONA, Manuel Sánchez de. *Traza y plaza de la Ciudad de México en el siglo XVI*. México: Tilde, 1989.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 80-87.
- CERVANTES DE SALAZAR, Francisco. *México en 1554*. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, Instituto de Investigaciones Bibliográficas, 2001 [1554]. 77p. Disponível em: [www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/mexico1554/mex1554.html](http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/mexico1554/mex1554.html). Acesso em: 28 set. 2020.
- CIUDAD DE MÉXICO. *Actas de Cabildo I* (mar. 1524 - set. 1532). México: Edición del Municipio Libre, Ignacio Bejarano, 1889. 458p. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2027/mdp.39015012905603>. Acesso em: 29 set. 2020.
- DEL RÍO LÓPEZ, Ángel. *Plaza Mayor de Madrid, cuatrocientos años de historia*. Madrid: La Librería, 2016. 359p.
- DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília: UNB, v. 31, n. 1, p. 51-73, jan-abr, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100004>.
- DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: euro-*

*centrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 55-70.

FERNÁNDEZ DEL HOYO, María Antónia. In: REAL ACADEMIA DE BELLAS ARTES DE LA PURÍSIMA CONCEPCIÓN. *Conocer Valladolid 2012: VI curso de patrimonio cultural*. Valladolid: Real Academia de Bellas Artes de la Purísima Concepción, 2013, p. 61-84.

KINSBRUNER, Jay. *The Colonial Spanish-American city: urban life in the Age of Atlantic Capitalism*. Austin: University of Texas, 2005. 182p.

KIRCHHOFF, Paul. Mesoamérica, sus límites geográficos, composición étnica y caracteres culturales. *Suplemento da Revista Tlatoani*. México: Sociedad de Alumnos de la Escuela Nacional de Antropología e Historia, n. 3, p. 1-13, 1960. Disponível em: [https://portalacademico.cch.unam.mx/materiales/al/cont/hist/mex/mex1/histMexU2OA01/docs/paulKirchhoff\\_mesoamerica.pdf](https://portalacademico.cch.unam.mx/materiales/al/cont/hist/mex/mex1/histMexU2OA01/docs/paulKirchhoff_mesoamerica.pdf). Acesso em: 05 jul. 2019.

LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. 278p.

LEÓN CAZARES, María del Carmen. *La Plaza Mayor de la Ciudad de México en la vida cotidiana de sus habitantes (siglos XVI y XVII)*. México: Instituto de Estudios y Documentos Históricos, 1982. 181p.

LOCKHART, James. *The Nahuas after the conquest: [...]*. Palo Alto: Stanford University Press, 1992. 650 p.

LOW, Setha. Indigenous Architecture and the Spanish American Plaza in Mesoamerica and the Caribbean. *American Anthropologist*. Arlington: Willey, v. 97, n. 4, p. 748-762, 1995. Disponível em: [www.jstor.org/stable/682595](http://www.jstor.org/stable/682595). Acesso em: 01 ago. 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. *Sociedade e Estado*. Brasília: Universidade de Brasília, v. 31, n. 1, p. 75-97, jan-abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100005>.

MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. ¿Había un mercado frente al palacio de Moctezuma? *Arqueología Mexicana*. México: INAH, CONACULTA, Raíces, v. XXIII, n. 133, p. 88-89, may-jun. 2015.

MÍER Y TERÁN ROCHA, Lucía. *La primera traza de la Ciudad de México 1524-1535*. México: FCE, Universidad Autónoma Metropolitana, 2005. Tomo I. 495p.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Caderno de Letras da UFF*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, n. 34, p. 287-324, 2008.

MUNDY, Barbara. *The death of Aztec Tenochtitlan, the life of Mexico City*. Austin: University of Texas Press, 2015. 246p.

NAVARRETE LINARES, Federico. Las historias de América y las historias del mundo: una propuesta de cosmo-historia. In: NIKON RATEN AMERIKA GAKKAI, 32, 2016, Tóquio. *Anais...* Tóquio: Associação Japonesa de Estudos Latinoamericanos, 2016, p. 1-36. Disponível em: [http://www.ajel-jalas.jp/nenpou/back\\_number/nenpou036/pdf/36-001\\_Navarrete.pdf](http://www.ajel-jalas.jp/nenpou/back_number/nenpou036/pdf/36-001_Navarrete.pdf). Acesso em: 10 out. 2020.

NICOLINI, Alberto. La traza de la ciudad hispanoamericana en el siglo XVI. *Anales del Instituto de Arte Americano e investigaciones estéticas "Mario J. Buschiazzo"*, n. 29, 1992-93. Buenos Aires: FADU-UBA, 1997, p. 17-50.

ORTIZ FERNÁNDEZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. 595p.

PAGE, Carlos A. *El espacio público en las ciudades hispanoamericanas: el caso de Córdoba, Argentina: siglos XVI a XVIII*. Córdoba: Báez Ediciones, 2008. 361p.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago, GROSGOUEL, Ramón (Eds.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 93-126.

RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. 2ª ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008. 352p.

REBOLLO MATIAS, Alejandro. *Plaza y Mercado Mayor de Valladolid: 1561-1595*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, Universidad de Valladolid, Casa de Ahorros y Monte de Piedad de Salamanca, 1989. 427p.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa : una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón. 2010. 76p.

ROJAS-MIX, Miguel. *La Plaza Maior: el urbanismo, instrumento de dominio colonial*. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 2002. 262p.

RUBIAL GARCÍA, Antonio. La Plaza Mayor de la Ciudad de México en los siglos XVI y XVII. *Arqueología Mexicana*,

México: INAH, CONACULTA, Raíces, v. XIX, n. 116, p. 36-43, jul-ago. 2012.

SALVAT, Ana Paula dos Santos. Configurações visuais do centro urbano do Império Espanhol: comparações entre o Zócalo, na Cidade do México, e a Plaza Mayor, em Madri. *H-ART. Revista de historia, teoría y crítica de arte*. Bogotá: Universidad de Los Andes, v. 5, p. 177-194, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.25025/hart05.2019.09>.

SANCHEZ DE CARMONA, Manuel. *Trazza y plaza de la Ciudad de México en el siglo XVI*. México: Tilde, 1989. 140p.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha: guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas. *Revista História Unisinos*, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 18, n. 2, p. 218-232, mai-ago. 2014. DOI: <https://doi.org/10.4013/htu.2014.182.02>.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009. 432p.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. Usos historiográficos dos códices mixteco-nahuas. *Revista de História*, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 153, n. 2, p. 69-115, dez. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/issue/view/1460>. Acesso em: 22 out. 2020.

SMITH, Michael. E. The Teotihuacan anomaly: the historical trajectory of urban design in Ancient Central Mexico. *Open Archeology*, Berlin: De Gruiter, v. 3, n. 1, p. 175-193, Jan. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1515/opar-2017-0010>.

TOUSSAINT, Manuel. *La Catedral de Mexico y el Sagrario Metropolitano*. México D.F.: Porrúa, 1973.

#### NOTA DO AUTOR

Dados do financiamento da pesquisa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - nº do processo: 88887.485555/2020-00